



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO AMBIENTAL NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Júlia Marques dos Santos¹

Liliana Angel Vargas²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com docentes de uma escola de enfermagem de nível superior da cidade do Rio de Janeiro, que se propôs a identificar a percepção que os docentes da referida Escola tinham sobre as relações globais/locais da dimensão ambiental e discutir a incorporação da dimensão ambiental no seu exercício docente. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um formulário com perguntas abertas. Utilizou-se da análise de conteúdo para analisar os dados sendo possível identificar três categorias analíticas: global e local: tensões, contradições e paradoxos que geram desafios no exercício da docência; a discussão da problemática ambiental no processo de formação profissional; a questão ambiental no exercício docente. Conclui-se que a incorporação da dimensão ambiental no exercício docente e no processo de formação de futuros profissionais de enfermagem ainda é insipiente e periférica o que compromete a possibilidade de visualizar a dimensão ambiental, como eixo estruturante da sustentabilidade socioambiental e do maior e melhor entendimento das complexas relações meio ambiente-saúde.

Palavras-chave: Educação ambiental; sustentabilidade; saúde; enfermagem.

ABSTRACT: This article presents the results of a research accomplished by a Nursing college students on the city of Rio de Janeiro that aimed to identify the perception that these students had about global/local relationships of the environmental dimension and to discuss the incorporation of the environmental dimension on their docent practice. This is related to a descriptive research with a qualitative approach. A form with open questions has been used as a data gathering instrument. The research made use of the content analysis where it was possible to identify three global and local analytical categories as follows: tension, contradiction and paradoxes generating challenges on the docents exercise; the discussion about the environmental problematic on the professional formation process; the environment issue at the docent practice. It was concluded that the incorporation of environmental dimension on the docent practice and on the formation of future nursing professional process is still insipid and peripheral what compromises the possibility of visualizing the

¹ Enfermeira egressa da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – CEP 22290-180 – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil – jujuliturgia@hotmail.com.

² Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – CEP 22290-180 Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil – lilianaangel@globo.com

environmental dimension, as a structuring axis of the social-environmental sustainability and of a greatest and best understanding of the complex environment-health relationships.

Key words: Environmental education; sustainability; health; nursing

Considerações Iniciais

Entendemos a educação como condição *sine qua nom* da ação político transformadora e do resgate de valores entendidos como fundamentais para a vida em sociedade, na medida em que *educar é um ato político* (VARGAS, 2005).

É através da educação que valores como a ética, o respeito à diferença, o compromisso, a solidariedade, a responsabilidade, podem ser resgatados e exercitados no seio da sociedade o que potencializa a possibilidade de construirmos um mundo melhor, mais justo e menos desigual.

Portanto a figura do educador pode significar um diferencial na forma como seus educandos aprendem a interpretar a realidade e suas contradições, adotam atitudes proativas, baseadas na crítica e autocrítica, ampliam o escopo de seus horizontes cognitivos ao tempo em que desenvolvem uma consciência sensível de sua responsabilidade terrena com esta e as próximas gerações.

Neste contexto, destacamos a educação ambiental como um componente essencial e permanente da educação político/transformadora quando articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (BRASIL, 1999).

Na formação de profissionais de saúde, entendemos a educação ambiental como uma nova forma de educação em saúde, na medida em que é através da complementaridade intrínseca entre as duas, que podemos formar profissionais comprometidos com a sustentabilidade planetária e com o compromisso ético de defender a vida, em todas suas formas e estágios.

No caso particular da formação de profissionais de enfermagem, não é difícil constatar que a educação ambiental não tem sido priorizada na estrutura curricular do referido curso, o que entendemos ser decorrente da fragmentação do conhecimento fomentada pela educação tradicional e conservadora, em que o enfermeiro é preparado para cuidar de corpos doentes em ambientes hospitalares, fazendo uso intensivo de tecnologias que reduzem o cuidado à assistência individual da doença, de forma descontextualizada e acrítica.

No entanto, as demandas do mundo globalizado nos induzem a pensar globalmente para agir localmente, o que nos obriga a ampliar o escopo de conceitos estruturantes no exercício dessa profissão como por exemplo, o *cuidado*, na medida que concordamos com Boff (1999) quando aponta que este não deve ser um ato e sim uma atitude.

Assim, o cuidado como atitude exige uma formação profissional que estimule o educando a assumir compromissos que implicam inclusive pactos transgeracionais com a sustentabilidade planetária.

Este artigo tem como base as reflexões estimuladas pela pesquisa “As relações meio ambiente e saúde no mundo globalizado: uma análise comparativa Brasil-Espanha”, realizada em parceria entre docentes e alunos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da Escola Universitária de Enfermagem da Universidade de Valladolid/Espanha. O conhecimento acumulado a partir dessa pesquisa encontra-se inserido na linha de pesquisa *Políticas Públicas de Saúde e Meio Ambiente e a Enfermagem*.

Foi proposto para este estudo, o alcance dos seguintes objetivos: identificar a percepção que os docentes de uma Escola de Enfermagem da cidade do Rio de Janeiro têm sobre as relações globais/locais da dimensão ambiental e discutir a incorporação dessas relações no seu exercício docente.

É importante frisar que em estudo similar, realizado junto aos alunos da referida escola de enfermagem foi possível identificar que ainda é incipiente a reflexão/discussão da temática ambiental, articulada entre os determinantes do processo saúde-doença, no processo de formação acadêmica desses futuros profissionais da saúde. Também foi possível constatar que há ainda uma visão reducionista da dimensão ambiental que a limita, quase que exclusivamente, aos aspectos físico-naturais da natureza, sem redimensionar o conceito de meio ambiente, como decorrente, de relações, muitas vezes contraditórias, originadas no cerne da dinâmica social, que articulam dialeticamente aspectos econômicos, políticos, culturais, entre outros. (VARGAS; SANTOS, 2010).

Portanto, entendemos *mister* desenvolver esta pesquisa onde os sujeitos da mesma, são os responsáveis pela formação desses acadêmicos, pois acreditamos que, a partir de seus resultados, teremos uma visão mais global da forma como a temática ambiental é valorizada e incorporada, pelos docentes, como um dos aspectos que podem vir a facilitar o entendimento das relações meio ambiente-saúde que permeiam a ocorrência do processo saúde-doença.

Entender por exemplo a dialética estabelecida entre os aspectos globais e locais da dimensão ambiental é fundamental para que no exercício da docência de enfermagem, se possa estimular a articulação entre conhecimentos, práticas e atitudes num contexto onde as dimensões globais e locais se constituem na expressão da complexidade e dos desafios de cuidar da saúde no mundo globalizado.

Metodologia

Podemos tipificar esta pesquisa como descritiva com abordagem qualitativa. A fundamentação teórica foi construída a partir da consulta a fontes bibliográficas disponíveis em periódicos das bases de dados LILACS e Scielo e diversas outras contribuições sobre o tema aqui tratado, publicadas do ano 2000 até 2010.

A pesquisa se desenvolveu no período de agosto de 2008 a julho de 2009 e os sujeitos foram os docentes de um curso de graduação e pós-graduação em Enfermagem.

Atendendo os preceitos éticos e legais da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos, este estudo foi submetido ao parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro – UNIRIO, sobre o protocolo CAAE nº 006.0.313.000-09 tendo sido aprovado em 28 de abril de 2009, momento que marcou o início da coleta dos dados.

Como instrumento dessa coleta foi utilizado um formulário constituído das seguintes questões: 1) Quais são, para você, os aspectos globais da dimensão ambiental? 2) Quais são, para você, os aspectos locais da dimensão ambiental? 3) Na sua opinião, qual a importância de se discutir a problemática ambiental no processo de formação do futuro profissional de Enfermagem? Justifique. 4) Dentro da(s) disciplina(s) que você ministra é abordado a questão ambiental? Justifique.

O desenvolvimento do trabalho de campo se realizou através da abordagem aos docentes em seus respectivos departamentos. Uma vez que o docente aceitasse participar da pesquisa, recebia o formulário junto com o termo de consentimento livre e esclarecido, e acordava-se verbalmente um prazo de 07 dias para a devolução do primeiro.

De um total de 39 docentes que atuam na escola de enfermagem que serviu como cenário deste estudo, somente 18 aceitaram participar, mas apenas 13 devolveram o formulário dentro do prazo estabelecido. Assim os sujeitos da pesquisa apresentaram o seguinte perfil: 09 eram docentes do sexo feminino (69%), e a maior titulação acadêmica de 10 deles (77%) era doutorado, e os 03 restantes (23%) eram mestres.

A análise dos dados foi fundamentada na *análise de conteúdo* que permite “[...] compreender os conteúdos manifestos e ocultos, podendo organizar os dados em unidades léxicas (palavras significativas) ou categorias (classes de dados definidos por uma expressão ou palavra)” (BECK; GONZALES; LEOPARDI, 2002, p. 241). Assim, surgiram categorias

analíticas que serviram como base, para a sistematização dos resultados adquiridos com a coleta dos dados, os quais apresentaremos a seguir.

Análise e discussão dos resultados

A análise dos dados coletados nos permitiu identificar as seguintes categorias analíticas:

1. Global e local: tensões, contradições e paradoxos que geram desafios no exercício da docência

A intrínseca relação entre o global e o local é incontestável, e integra dois aspectos que se influenciam reciprocamente, mas ao mesmo tempo cada um mantém sua própria identidade (VIEIRA, 2005). Embora essa constatação seja aparentemente óbvia, pouco tem sido incorporado como pano de fundo das análises onde essa relação global/local é responsável, dialeticamente, pelas contradições do contexto e ao mesmo tempo, pelas possibilidades de enfrentá-las.

“Pensar globalmente e atuar localmente”, uma premissa que parece relativamente simples de se entender envolve a complexidade que implica a articulação entre espaços, não necessariamente físicos, onde a realidade se expressa gerando tensões, conflitos, consensos e que, portanto exigem também, uma leitura inter e transdisciplinar da rede de relações que se estabelece entre o espaço local e o global e vice-versa.

Do ponto de vista ambiental, pensar globalmente e atuar localmente nos impõe entender as relações, também complexas, estabelecidas na tríade globalização-meio ambiente-saúde, como aspectos estruturantes da dinâmica ambiental.

No entanto, quando os sujeitos desta pesquisa (D) foram questionados sobre os aspectos globais e locais da dimensão ambiental, para alguns deles, esta relação se limita a aspectos físico-naturais, tal como podemos observar a seguir:

“Preservação do planeta de modo geral – sempre pensando que TODOS somos responsáveis.” (D2);

“Não sei responder. Penso que é tudo que diz respeito com a natureza.” (D4);

“O aquecimento global fruto da ação humana.” (D11);

“O planeta, a questão climática, aquecimento global, poluição, industrialização, desmatamento, posse da terra, posse da casa própria nas cidades, transporte de massa (ônibus, trem, metrô), acesso a água de qualidade, rede de esgoto, lixo, agrotóxicos.” (D12).

Isso pode estar relacionado à incorporação e cristalização de um conceito de meio ambiente, onde este se encontra externo à dinâmica social e associado exclusivamente à natureza (VARGAS, 2001). Nesse contexto, cria-se uma relação polarizada entre homem e a natureza, onde se coloca num extremo a depredação e no outro a preservação.

Infelizmente essa percepção não é exclusiva dos sujeitos desta pesquisa. Em um estudo similar realizada por Portela, Braga e Ameno em 2010, com 25 professores de ensino médio, do município de Divinópolis em Minas Gérias, foram identificadas imprecisões e reducionismos conceituais que denotam concepções inspiradas nos paradigmas “holomonicos” em que o meio ambiente é ao mesmo tempo “tudo e nada”.

Por essa razão os referidos autores são contundentes ao afirmar que

Há de se superar a orientação convencional em favor da perspectiva transformadora da educação ambiental, que favoreça a complexificação e problematização pertinente da problemática ambiental, de modo que os sujeitos sociais envolvidos possam rever conceitos, valores e condutas, intervindo efetivamente sobre a realidade, ressitoados quanto ao seu papel e às relações com que estão envolvidos no meio ambiente, com todas as dimensões naturais, culturais, sociais, históricas e políticas que lhe são intrínsecas (PORTELA, BRAGA, AMENO, 2010, p. 338).

Para outros docentes, essas relações expressam questões associadas às conseqüências decorrentes do modelo de desenvolvimento:

“A ação do homem pelo desenvolvimento industrial gerando produtos poluentes, causando o aquecimento da atmosfera. Tal situação prejudica todo o planeta e prejudica a humanidade, pois modifica o clima, o ar que respiramos, etc.” (D1);

“São os eventos ou situações que nos atingem mais proximamente, ou seja, as conseqüências das mudanças nos afetam diretamente com maior intensidade.” (D3);

“A dimensão ocupacional dos ambientes. Os modelos de exploração do solo e dos recursos hídricos. A capacidade de renovação dos recursos explorados.” (D8);

“Entendo que são todos aqueles que se expressam de modo meso e macro na saúde e no entorno onde as pessoas vivem e com reflexo indireto e direto na qualidade de vida da população/coletividade.” (D10);

Embora o escopo da análise seja mais amplo que a do grupo anterior, os depoimentos apontam a passividade perante seu próprio contexto, o que reforça a idéia da dimensão ambiental como externa no sentido de estar determinada por fatores externos e fora do controle da sociedade, quando é no cerne dessa sociedade que se define a adoção de um determinado modelo de desenvolvimento, o que, portanto, a torna co-responsável dessa decisão.

Como contraponto surge a opinião de docentes, para quem os aspectos globais e locais da dimensão ambiental pressupõem uma postura ativa e responsável fruto da conscientização e da ação política, tal como vemos a seguir:

“Político – com o agir no envolvimento das políticas ambientais; [...] Estado – articulação política estadual; Global/Internacional – entender a diversidade da cultura no mundo.” (D5);

“Entendo como ambiente do trabalho e desse modo os cuidados são com o ambiente muito próximo que envolve ar, iluminação, ruídos, higiene dos espaços, móveis e aparelhos; atenção dos riscos físicos, biológicos e químicos e das redes de relações humanas que acontecem no dia a dia.” (D6);

“Podemos considerar que toda a cadeia de relações sócio-econômicas e, principalmente nossas relações com a natureza, [...], ou seja, se agredimos a natureza, temos como resultados repercussões no cotidiano de nossas vidas – nosso alimento, nosso meio, nossa água, nos vetores de doenças etc.” (D7);

“Educação direta à população local com vistas a reciclagem, cuidados com o ambiente em termo de qualidade do ar, política antitabagismo junto aos fumantes locais. Medidas operacionais para a coleta seletiva.” (D9)

Logo, o desafio no exercício da docência está em romper com o paradigma do sistema de ensino tradicional e conseguir englobar em suas aulas essa temática, mas para isso é indispensável o diálogo, a integração, a dissociação das fronteiras entre as disciplinas.

2. A discussão da problemática ambiental no processo de formação profissional do enfermeiro

Há necessidade de se refletir e (re)pensar o processo de formação do profissional da saúde, em particular, de enfermagem, na medida que tradicionalmente na formação desse profissional foi priorizado o conhecimento científico que fundamenta o modelo flexneriano, o que trouxe como resultado, uma prática descontextualizada, fragmentada, tarefaira, centrada na doença e na assistência a um corpo individual e passivo.

Portanto, concordamos com Malvárez (2007,s/n), quando aponta que

A transição demográfica e epidemiológica da humanidade decorrentes da globalização, apresentam um panorama diferenciado que exige da enfermagem um marcado reposicionamento em relação a sua tradição profissional. A noção de saúde global, não é um mero conceito, é também a vivencia de um mundo que demanda pensamento e responsabilidade com a humanidade planetária.

No Brasil é fundamental que o profissional de saúde, entre eles os de enfermagem, incorpore o conceito ampliado de saúde, formulado pelo Movimento da Reforma Sanitária na década de 80, onde a dimensão ambiental se coloca como um dos aspectos intrinsecamente relacionados à situação de saúde da população. E mais, esse profissional deve ter clareza de que a saúde é um “direito de todos e um dever do Estado” como previsto na Constituição de 1988 e reforçado através das leis complementares da política de saúde no país.

Isto implica uma formação onde os aspectos técnicos necessariamente relacionados ao exercício profissional do enfermeiro estejam acompanhados de posturas políticas que tenham como base o compromisso ético de defender a vida e a saúde da população.

Sendo assim, questionamos aos nossos pesquisados sobre a importância de se discutir a problemática ambiental no processo de formação do futuro enfermeiro, e encontramos o consenso entre os sujeitos de que a abordagem da referida temática, em qualquer fase do processo de formação, pode contribuir enormemente na construção de um pensamento crítico/reflexivo sobre a complexa relação meio ambiente-saúde. Apresentaremos a seguir alguns desses depoimentos:

“...os alunos precisam saber de tudo que está ocorrendo no mundo para serem cidadão políticos mais conscientes.” (D6);

“A problemática ambiental se interpõe à prática cotidiana de enfermagem que necessita conhecer enquanto sujeito/agente transformador da realidade, a dimensão da transformação do ambiente pelos povos e culturas distintos e os seus impactos decorrentes para a saúde planetária e conseqüentemente humana.” (D8);

Esta posição, no sentido amplo da educação, vem sendo defendida por Morin (2002, p. 76) ao se referir, como um dos saberes necessários para a educação do futuro, despertar nos alunos o que este autor denomina como a “identidade e consciência terrena”, que tem como base a responsabilidade e responsabilidade para com “os filhos da terra”.

3. A questão ambiental no exercício docente na enfermagem

A Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999 que normatiza a educação ambiental no Brasil descreve em seu artigo 8º que as atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar, esta entendida como educação infantil, ensino fundamental, médio e superior, educação especial, profissional e de jovens e adultos. Conclui, ainda, no artigo 11º que a dimensão ambiental

deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas (BRASIL, 1999).

Entendemos que a educação ambiental não deve ser reduzida a uma simples aula (no Ensino Fundamental) ou a uma disciplina (no Ensino Superior), mas deve ser incorporada ao cotidiano de pessoas e coletividades e sustentada pela troca de experiências pessoais e das diversas áreas do conhecimento, pois é através de sua capacidade de aglutinar visões, vontades e expectativas em torno da questão sócio-ambiental, que se estimula o agir coletivo e a conquista progressiva de patamares cada vez mais elevados de cidadania (VARGAS, 2001). O que vai ao encontro do preconizado na Lei 9.795/99.

Também, não se reduz a uma área de conhecimento exclusiva de ambientalistas e especialistas no assunto, e sim a possibilidade de diálogo entre diversas áreas de conhecimento. É o que Japiassu (1976, p.81) caracteriza como a interdisciplinaridade estrutural “ao entrar num processo interativo, duas ou mais disciplinas ingressam ao mesmo tempo, num diálogo em pé de igualdade. [...] As trocas são recíprocas. O enriquecimento é mútuo”.

Com base na legislação de educação ambiental e nas diretrizes curriculares brasileiras em vigor, perguntamos aos participantes desta pesquisa, se nas disciplinas por eles ministradas, era abordada a questão ambiental.

As respostas apontaram que alguns sujeitos abordavam o assunto de forma pontual, tal como confirmam os depoimentos a seguir:

“apenas quando abordo a transmissão de doenças envolvendo o meio ambiente”
(D2);

“questões relacionadas aos cuidados com o ambiente hospitalar” (D9);

“destaco a atuação de F. Nightingale e sua concepção da ação do ambiente (natureza) sobre o corpo são, doente e a recuperação” (D13).

Talvez isto ajude a entender melhor, porque os alunos dessa escola de enfermagem, em pesquisa que referimos anteriormente, apontaram um entendimento superficial e desconexo do tema em questão. (VARGAS; SANTOS, 2010), o que compromete sensivelmente a formação de profissionais comprometidos com a sustentabilidade ambiental, na medida que um dos maiores desafios da sustentabilidade como apontado por Freitas e Porto (2006, p. 113) está em

[...] abrir mentes e corações para integrar aspectos essenciais dos problemas, incluindo os valores e cultura, para com isso cumprirmos com eficiência e ética nossos papéis de analisar e intervir no mundo de forma solidária. [...] os padrões do

passado só não se repetirão no futuro, um futuro verdadeiramente comum e sustentável, se formos capazes de transformá-los no presente.

Os docentes restantes manifestam trabalhar de forma mais ampla a questão ambiental, entendendo-a como estratégia para compreender o processo saúde-doença e as atribuições do enfermeiro.

“Na disciplina é abordado a dimensão ambiental de promoção de saúde que diz respeito a forma como os povos, culturas ou etnias reconhecem no seu meio de origem os recursos essenciais para a sua subsistência e saúde” (D8);

“Numa perspectiva de reconhecimento de sua importância e como estratégia (dimensão) importante para diagnosticar vulnerabilidade de grupos da população” (D10).

Como se pode observar um longo caminho ainda deve ser percorrido para superar os reducionismos e pouca valorização da dimensão ambiental, não só durante o processo de formação, como no próprio exercício profissional da enfermagem.

Considerações Finais

A partir dos resultados obtidos com essa pesquisa foi possível perceber que a incorporação da dimensão ambiental, através da educação ambiental, no processo de formação, a partir do exercício docente, é ainda insipiente e periférica no contexto de docentes da escola de enfermagem em foco, o que compromete a possibilidade dos futuros profissionais de enfermagem, adotarem atitudes proativas e comprometidas com a mudança da realidade, a partir do entendimento das intrínsecas e complexas relações meio ambiente-saúde.

Entendemos, que provavelmente os profissionais que hoje exercem a docência nesta instituição, também não tiveram maior acesso à reflexão e discussão dessa temática, como associada a seu exercício profissional, mas o fato de admitirem a importância da mesma, já abre possibilidades de uma maior preocupação com este aspecto, que entendemos como *sine qua nom*, para associar o processo saúde-doença aos determinantes sociais e estruturais desse processo.

Assim, consideramos a educação ambiental na formação de futuros profissionais de saúde e enfermagem como uma importante possibilidade de sensibilização e mobilização na defesa do direito à saúde e ao meio ambiente, ambos fundamentais para a sustentabilidade socioambiental, nas mais diversas escalas territoriais.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, M. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos universitários da área da saúde*. Londrina: Rede Unida; 2003. p. 09.
- BECK, C.; GONZALES, R. M.; LEOPARDI, M. T. Técnicas e procedimentos de pesquisa qualitativa. In: LEOPARDI, M. T. *Metodologia da pesquisa na saúde*. 2ª ed. Florianópolis: UFSC; 2002. p. 223-244.
- BOFF, L. *Saber e cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196 de 1996. *Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999. *Dispõe sobre a educação ambiental, institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF): 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *8ª Conferência Nacional de Saúde: Relatório final*. Brasília (DF): 1986. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf
- FREITAS, C.M., PORTO, M.F. *Saúde, ambiente e sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MALVÁREZ, S. *El reto de cuidar en un mundo globalizado*. Revista Texto e Contexto, Florianópolis, v.16, n.3, p.520-530, jul./set. 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/714/71416319.pdf>
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortz, Brasília: UNESCO, 2002.
- PORTELA, S. T.; BRAGA, F. A.; AMENO, H. A. *Educação ambiental: entre a intenção e a ação*. Rev. Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v.24, p.331-340, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol24/art22v24.pdf>
- VARGAS, L. A. *Educação ambiental: a base para uma ação político/transformadora na sociedade*. Rev. Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v.15, p.72-79, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol15/art06.pdf>

VARGAS, L. A. *O programa de despoluição da Baía de Guanabara: uma análise na perspectiva da saúde coletiva*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de pós-graduação em saúde coletiva, área de concentração em política, planejamento e administração em saúde, Instituto de Medicina, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro RJ, 2001.

VARGAS, L. A.; SANTOS, J. M. As relações globais/locais da dimensão ambiental na visão dos acadêmicos do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, Rio de Janeiro, v.2, p.503-514, 2010. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/435/450>

VIEIRA, L. *Cidadania e globalização*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.